

## MAAT E AS ORIGENS DA FILOSOFIA EM KEMET (EGITO)

Francisco José da Silva<sup>1</sup>

Universidade Federal do Cariri (UFCA)

 <https://orcid.org/0000-0001-5342-2280>

E-mail: franz.silva@ufca.edu.br

### RESUMO:

A civilização kemética ou egípcia é uma das primeiras grandes culturas do mundo antigo, remontando a tempos imemoriais. Kemet (Egito) é conhecido por seus monumentos grandiosos, as pirâmides, bem como por sua crença na imortalidade da alma, a qual dedicavam todo um culto e um livro específico para as cerimônias e fórmulas no pós-vida, o *Livro dos Mortos*. Além destas referências fundamentais devemos incluir ainda sua compreensão da ordem cósmica e sua eficiência na vida humana, daí o conceito fundamental de Maat (ordem, justiça e verdade). Maat é representada como uma divindade, filha de Rá, esposa de Toth, mas principalmente como um conceito filosófico que está na base de toda sua cultura e pensamento. Pretendemos apresentar este conceito nos períodos históricos da civilização egípcia, presente na literatura sapiencial (Sebayt), como base para sua constituição como princípio fundante da filosofia egípcia (kemética), e, por extensão, das filosofias em África e sua influência entre os gregos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maat; Filosofia; Egito.

## MAAT AND THE ORIGINS OF PHILOSOPHY IN KEMET (EGYPT)

### ABSTRACT:

The Kemetic or Egyptian civilization is one of the first great cultures of the ancient world, dating back to time immemorial. Kemet (Egypt) is known for its magnificent monuments, the pyramids, as well as for its belief in the immortality of the soul, to which they dedicated an entire cult and a specific book for ceremonies and formulas in the afterlife, the Book of the Dead. In addition to these fundamental references, we must also include his understanding of the cosmic order and its efficiency in human life, hence the fundamental concept of Maat (order, justice and truth). Maat is represented as a deity, daughter of Ra, wife of Thoth, but mainly as a philosophical concept that is the basis of all her culture and thought. We intend to present this concept in the historical periods of Egyptian civilization, present in wisdom literature (Sebayt), as a basis for its constitution as a founding principle of Egyptian philosophy (Kemetics), by extension, of philosophies in Africa and its influence among the Greeks.

**KEYWORDS:** Maat; Philosophy; Egypt.

---

<sup>1</sup> Doutor(a) em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza – CE, Brasil. Professor(a) da Universidade Federal do Cariri (UFCA), Juazeiro do Norte – CE, Brasil.

*Grande é a Lei (Maat)!*  
Máximas de Ptah-hotep (2414-2375 a.C.)

*Ó! Egito, Egito! De teus cultos restarão apenas mitos e nem sequer teus filhos, mais tarde, crerão neles, nada sobreviverá, a não ser as palavras gravadas sobre as pedras que contam tuas piedosas façanhas.*

Corpus Hermeticum, p.106

## Introdução

Kemet (Egito) é um enigma<sup>2</sup>. A civilização kemética ou egípcia é uma das primeiras grandes culturas sofisticadas do mundo, uma das mais antigas do continente africano, remontando a tempos imemoriais. Essa civilização africana formada pela unificação de povos que viveram às margens do rio Nilo, entre eles os povos do sul e noroeste, como os povos de Kush (Etiópia) e da Núbia<sup>3</sup>, por volta de 3 mil anos antes da era comum, é conhecida por suas longas dinastias (31 dinastias, 404 faraós), seus monumentos grandiosos, como as pirâmides e a esfinge<sup>4</sup>, bem como por sua crença na imortalidade da alma, a qual dedicavam todo um culto e um livro específico para as cerimônias e fórmulas no pós vida, o *Livro dos Mortos*<sup>5</sup>.

A cultura egípcia se destaca por sua escrita hieroglífica (*medu neter*)<sup>6</sup>, seus saberes matemáticos, astronômicos e medicinais, os quais estavam fundamentados em sua compreensão da ordem cósmica, política e sua eficiência na vida humana, daí o conceito fundamental denominado Maat (ordem, harmonia, justiça e verdade). Tal conceito pode ser compreendido inicialmente a partir do ponto de vista mítico e religioso, Maat é representada como uma divindade, esposa/filha de Rá, além de esposa do deus escriba Toth (Hermes, entre os gregos), sendo aquela que preside o julgamento do falecido diante de Osíris, juiz do tribunal dos mortos, e será a pena de Maat que servirá de contrapeso ao coração (*ib*) permitindo o falecido ir ao Duat.

Outro aspecto importante de Maat é sua concepção como um princípio cosmológico e social que representa a ordem e estabilidade dos vários aspectos da realidade, cósmica, social e humana. Segundo Cunha Júnior: “Maat é o princípio filosófico da antiguidade do Egito e Núbia. Pela teoria

<sup>2</sup> A palavra ‘Egito’ provém da forma grega de denominar essa região, “Aigyptos” ou *Het-Ka-Ptah*, “a mansão da alma de Ptá” (o demiurgo de Mênfis, considerado o primeiro faraó). Em sua própria língua, o Egito era conhecido como “*Kemet*” (kmt), que significa “Terra preta” ou “terra fértil”.

<sup>3</sup> Lembremos a dinastia dos faraós negros do séc. VIII a.C. o primeiro deles foi Piye de origem núbia. Estes faraós reinaram por quase um século perfazendo a 25ª dinastia.

<sup>4</sup> As pirâmides são grandes monumentos de alvenaria construídas no Antigo Império (séc. XXV a.C.) usadas como túmulos dos faraós, entre as centenas delas, destacam-se as três pirâmides de Quéfren, Quéops e Miquerinos. A primeira delas foi a pirâmide de Djoser (feita entre 2630 a.C.-2611 a.C.), que foi supostamente construída durante a III dinastia egípcia pelo polímata Imhotep. A esfinge é um ser mitológico que no Egito representava o guardião espiritual dos monumentos do complexo de Gizé e foi construída por volta de 2500 a.C.

<sup>5</sup> O *Livro do Mortos ou Livro do surgimento do dia* (1150 a.C.) revela a condução do falecido na barca de Rá, depois de cruzar 21 pilares, passar por 15 entradas e atravessar 7 salas, chegando ao Santuário de Maat e ao tribunal Osíris, o juiz do submundo que juntamente com outros 42 juízes faz o julgamento do morto.

<sup>6</sup> Os Hieróglifos eram o sistema de escrita formal usado no Antigo Egito, que combinavam elementos logográficos, silábicos e alfabéticos, com de cerca de 1.000 caracteres. Conhecida originalmente como *Medu Neter* (mdw ntr) ou ‘escrita dos deuses’, usada especialmente nos monumentos, acredita-se que tivera origem por volta de 3.000 a.C. e foi decifrada por Jean François Champollion (1790-1832), o chamado “Pai da Egiptologia”, a partir da Pedra de Rosetta. Segundo o filósofo Plotino (séc.III) em sua *Enéada V* (8.6), *Acerca da beleza inteligível*: “Parece-me que também os sapientes dos egípcios, compreendendo — ou através de uma ciência exata ou através de um conhecimento inato — aquelas coisas que eles queriam ilustrar por meio da sapiência, usavam não os caracteres do alfabeto que acompanham as palavras e as proposições, as quais nem mesmo imitar sons e pronúncias de princípios, mas desenhando imagens [5] e entalhando uma imagem particular para cada coisa nos templos, mostravam a ausência de desenvolvimento discursivo destas imagens. Pois que, de fato, cada imagem é seja uma certa ciência, seja sapiência, seja substrato, seja algo de reunido, e não pensamento discursivo nem deliberação” (Plotino, 2003, p.123).

da africanidade de Diop, como um princípio de todas as sociedades africanas, o equilíbrio social do Maat reverbera nas sociedades africanas” (Cunha Júnior, 2020).

Como nos esclarece a Profa Helena Trindade Lopes,

Maat é uma das noções mais complexas da civilização egípcia. Por um lado, ela expressa uma forma particular de conceber o mundo, no qual o religioso, o político, o social, o ético, o jurídico e o sapiencial estão profundamente ligados. Por outro, à medida que nos fornece os canais de comunicação entre o Sagrado, o Cosmos, o Estado, a Sociedade e o indivíduo, permite-nos alcançar toda a profundidade e originalidade do pensamento egípcio (Lopes, 2003, p.73).

Nesta pesquisa, enfatizamos o entendimento de Maat como um conceito filosófico que está na base de toda a cultura e pensamento egípcio, bem como das culturas africanas em geral. Pretendemos assim apresentar este conceito como fundante e originário da filosofia egípcia (kemética), o qual servirá como referência inclusive para outras culturas africanas. Por fim, abordaremos os princípios da filosofia (*rekhet*) egípcia, baseada em Maat, a importância do pensamento egípcio para cultura grega em geral, e para a formação dos primeiros filósofos gregos em particular, tais como Tales e Pitágoras (séc. VI a.C.) e Platão (séc. IV a.C.).

### Maat: divindade e mitologia

Nosso ponto de partida será a concepção mitológica egípcia, onde Maat é personificada e simboliza em seus primórdios os fundamentos da ordem cósmica. Para isso, é preciso compreender que a mitologia egípcia é complexa e se compõe de diversas versões dos mesmos mitos, a depender do centro religioso (Mênfis, Sais).

Em geral, os deuses são representados com configurações antropozoomórficas, ou seja, com corpo humano e cabeça de animais (chacal, falcão, escaravelho, etc.). Os principais deuses desta mitologia são Amon-Rá, Shu, Geb, Nuit, Osíris, Isis, Hórus, Toth, Seti, Neftis e Maat. Maat (ou Ma'at) é a deusa da verdade, da justiça, da retidão e da ordem cósmica. Ela é responsável pela ordem cósmica e social.

Maat é a mãe de Rá, como também sua filha (e esposa), além de esposa de Toth (alguns escritores defendem que Toth era o irmão de Maat)<sup>7</sup>. Ela é irmã do faraó mítico (Osíris ou Hórus), assegura o equilíbrio cósmico e é graças a ela que o mundo funciona perfeitamente, assim “Ela é a luz que traz Rá ao mundo”. Posteriormente, é retratada como esposa de Toth, o patrono dos escribas e é descrito como “aquele que revela Maat e reconhece Maat, que ama e dá Maat para o criador de Maat”. Na cosmologia do Egito, Maat é uma divindade originária e está diretamente relacionada a criação pelo demiurgo. Maat e sua irmã Isfet, representam a polarização entre ordem (cosmos) e desordem (caos).

Ela é representada como uma jovem mulher ostentando uma pluma de avestruz na cabeça, tal pluma era o contrapeso colocado numa balança (*Maa*) que pesava o coração (*Ib*) do morto no julgamento de Osíris. Como nos informa Noguera (2013, p.150): “A palavra balança [*Maa*] está intimamente ligada ao nome da deusa. Maat é representada como uma mulher (negra) segurando o símbolo de Ankh [vida] numa das mãos e um cetro na outra, ela usa uma pena de avestruz na coroa”. Se o coração for leve a pessoa gozará de uma vida pós morte no Duat, mas, caso contrário,

<sup>7</sup> Thóth (ou Djeuti em egípcio) é um deus egípcio do conhecimento, da sabedoria, da escrita, da música e da magia. Na arte, era geralmente retratado com a cabeça de íbis ou babuíno, animais a ele consagrados. Sua contraparte feminina era Sexate, e sua esposa era Maat. Toth era o advogado da humanidade e é apresentado no *Livro dos Mortos* registrando o julgamento dos homens no Tribunal de Osíris. Os gregos identificavam-no com o deus Hermes, Toth-Hermes. No período helenístico Toth é identificado com Hermes Trismegistos (Três vezes grande, em grego), o qual é considerado o autor do conjunto de escritos conhecidos como *Corpus Hermeticum*, as Leis Herméticas – ciência, religião e filosofia. Também é autor da chamada “Tábua de Esmeralda”.

ela se encontrará com Anmit, deusa com cabeça de crocodilo, corpo de leão e hipopótamo, a “devoradora de almas”.

### Maat como ordem cósmica no antigo império

Abordemos as referências a Maat a partir da divisão dos períodos históricos do Egito. A principal e mais antiga fonte histórica sobre o Egito é historiador grego Heródoto de Halicarnaso (séc. V a.C.), o qual em suas *Histórias* (especialmente no livro 2 – Euterpe)<sup>8</sup> narra diversos aspectos da história, geografia e etnografia do império dos faraós. Além de Heródoto, outra fonte antiga da história egípcia é o livro do sacerdote Maneton (séc.III a.C.) escrito a pedido de Ptolomeu Filadelfo (285-246 a.C.)<sup>9</sup>.

Atualmente a história do Egito é dividida em período pré-dinástico e período dinástico, que por sua vez engloba o Império Antigo, o Médio e o Novo, com períodos intermediários. O Império Antigo (2649 a.C.-2150 a.C.) é conhecido como a “era das pirâmides”, quando o faraó Seneferu (4ª dinastia) aprimorou a arte de construção das grandes pirâmides que se tornaram a imagem do Egito. Neste período surgiram as grandes pirâmides do complexo de Gizé (Quéops, Quéfren, Miquerinos).

No Antigo Império o rei do Egito, que será chamado de Faraó a partir no Novo Reino, se alça a condição de deus vivo que governava de forma absoluta. Aqui ressaltamos a figura do Faraó que representa, personifica e realiza Maat no seio da vida social. O Faraó é o executor de Maat. Assim, Maat está relacionada a ordem do Estado e a manutenção da estabilidade social.

Neste período destacam-se a produção literária do gênero sapiencial ou de ensino (*Sebayt*), o qual está presente em boa parte do Oriente Médio no mundo antigo, como entre os persas, gregos e judeus. Entre as obras de maior destaque neste gênero citamos “*As máximas de Ptah-hotep*” (Papiro Brisse), atribuídas a Ptah-hotep, vizir do rei Djedecaré Isesi (5ª dinastia, por volta de 2500 a.C.), uma obra de instrução com introdução, máximas (37 ensinamentos) e um epílogo sobre as relações humanas, dirigidas a seu filho (e, por extensão a administradores régios, magistrados e juízes), representa uma das primeiras manifestações do gênero denominado *Sebayt*.

Nas máximas de Ptah-hotep encontramos o que pode se considerar uma das primeiras definições de Filosofia (em egípcio *Rekhet*, busca do saber) e sua relação com as virtudes e a justiça (Maat), lembrando a definição pitagórica do reconhecimento da ignorância e do amor à sabedoria, diz Ptah-hotep:

Não te envaideças de teu conhecimento, toma conselho tanto do ignorante quanto do instruído, pois os limites da arte não podem ser alcançados e a destreza de nenhum artista é perfeita. O bem falar é mais raro que a esmeralda, mas pode encontrar-se entre criador e britadores de pedra (Araújo, 2000, p.247).

O principal ponto que chama atenção nestas máximas diz respeito a ênfase na conduta correta, no exercício das virtudes básicas (autocontrole, moderação, afabilidade, honestidade, discrição) e na busca da justiça. “Se fores um homem que dirige, que controla a atividade de muitos, empenha-te em toda boa ação para que tua conduta seja irrepreensível. Boa é a justiça (Maat) e duradouro seu efeito, inalterado desde o tempo de Osíris” (Araújo, 2000, p.247).

<sup>8</sup> O livro das *Histórias* de Heródoto se divide em nove partes, cada uma delas dedicada às Musas (Clio, Euterpe, Talia, Melpomene, Terpsícore, Érato, Polímnia, Urânia e Calíope). Seus relatos partem de uma experiência viva e testemunhal dos fatos e características, embora seja criticado pelo exagero no contraste com os costumes gregos.

<sup>9</sup> As principais referências a Maneton estão no texto *Contra Ápion* do historiador judeu Flávio Josefo (séc.I), ver Josefo (1990, p.713).

Merece ainda lembrança outra obra deste período com o mesmo caráter moral e educativo de Ptah-hotep, denominada “*A instrução de Kagemini*”, atribuída a Kagemini, supostamente o vizir do rei Seneferu (citado acima), cuja instrução está relacionada a ideia da virtude do ‘homem silencioso’ (*Geru Maa*). Essa obra é considerada como elaborada no período Antigo, embora sua compilação seja do período do Império Médio.

### **Institucionalização de Maat no médio império**

O fim do Antigo Império foi marcado pelo enfraquecimento da figura do Faraó. O Médio Império (2050-1710 a.C.) teve início após a revolta dos nomarcas (administradores das províncias, chamadas de *Nomos*) que pretendiam desestabilizar a imagem do Faraó, essa fase é também denominada período da reunificação, destacando-se os faraós Metuotepe II (11<sup>a</sup> dinastia), Sesóstris III (um faraó guerreiro) e seu filho Amenemés III (ou Amenemhat).

Neste período a figura divina de Osíris<sup>10</sup>, deus e juiz do submundo, se torna a representação mais proeminente no panteão egípcio, bem como passa-se da perspectiva implícita para a tematização explícita de Maat. Essa tematização será efetivada especialmente através dos “*Discursos de Maat*”, cuja principal função era orientar e aconselhar governantes, altos funcionários, e mesmo pessoas comuns sobre os princípios morais a serem seguidos para a manutenção da ordem cósmica e social.

Entre os principais textos sapienciais ou reflexivos deste período podemos citar o conto do “*Camponês eloquente*” (1850 a.C.), um longo conto que narra a história do camponês Kuhn-Anup e seu burro, que tropeça nas terras do nobre Rensi, filho de Meru, e passa a ser destrutado por seu severo superintendente Nemtyankht, contra quem o camponês demonstra sua eloquência numa série de nove apelações e críticas morais demonstrando sua habilidade retórica. A narrativa trata da questão da justiça (Maat) e da necessidade da reta aplicação da justiça em todos os níveis da vida, em especial em favor do povo, conforme a passagem: “Se manejares o leme conforme a vela, controlarás a correnteza para bem navegares. Guarda-te de aportares pela corda do leme, o equilíbrio do país está em Maat!” (Araújo, 2000, p.235).

Percebemos que nestas obras de ensinamento ou instrução (*Sebayt*), se revela uma sabedoria prática que parte do cotidiano sem perder a profundidade dos ensinamentos maáticos sobre a ordem do cosmos, a qual vincula desde os governantes, funcionários reais e os homens mais nobres até os membros das classes mais baixas da hierarquia social egípcia.

### **Emergir de uma nova ética no novo império**

O Novo Império (1580-525 a.C.) corresponde ao período de invasão dos Hicsos, povo semita que dominou o Egito (1638 a.C.), iniciando o segundo período intermediário, e após sua derrota acontece a ampliação do Império egípcio a partir de Tebas sob o faraó Ahmés ou Amósis I (1539-1514 a.C), da 18<sup>a</sup> dinastia.

Por volta do século XVI a.C, tribos semitas (os *hapiru* ou o ‘*povo hebreu*’) teriam saído de Canaã e se instalado no Egito, como podemos deduzir a partir das fontes históricas e arqueológicas e das referências literárias presentes no livro de Gênesis (cap.37), em especial na história de José, filho de Jacó, que segundo a tradição teria sido vizir do faraó, provavelmente do faraó Apopi<sup>11</sup>. A presença em terras egípcias consolidou a influência sobre a cultura judaica como podemos

<sup>10</sup> Sobre Osíris, seu mito e importância, veja-se a dissertação de Mestrado de: Santos, Poliane Vasconi dos. *Religião e sociedade no Egito antigo: uma leitura do mito de Ísis e Osíris na obra de Plutarco (I d.C.)*. UNESP-Assis, 2003, 150 f.

<sup>11</sup> Provavelmente o faraó Apopi, também conhecido como Apepi, Ipepi ou Apófis, pertencente à linhagem dos hicsos que governou o Baixo Egito durante a XV dinastia e o final do segundo período intermediário.

constatar na legislação do Antigo Testamento, a *Torah*, se considerarmos Moisés como profundamente ligado à cultura egípcia ou ele mesmo um egípcio<sup>12</sup> que viveu por volta de 1440 a.C. no reinado do Faraó Tutmosis III da XVIII dinastia. Esta influência é percebida principalmente nos escritos sapienciais da Bíblia, como os livros de *Jó*, *Provérbios*, *Eclesiastes* e da *Sabedoria* atribuídos ao rei Salomão (séc. X a.C.).

Nesta época, destaca-se o chamado período Ramsida (19<sup>a</sup> e 20<sup>a</sup> dinastias), quando 11 faraós ostentam o nome *Ramsés*, a partir de Ramessés I (falecido em 1294 a.C.), ao qual corresponde o auge e o período mais próspero do Egito. Neste momento merece destaque o faraó da 18<sup>a</sup> dinastia, Amenotepe ou Amenofis IV, que ficou conhecido como Akhenaton (séc.XIV) “ou aquele que louva Aton”, que foi o criador da monolatria e do henoteísmo<sup>13</sup> egípcio (Eliade, 2003, p.145) e provavelmente precursor do monoteísmo judaico<sup>14</sup>. Na nova teologia de Akhenaton, Maat ocupa um lugar central, Aton é denominado “aquele que está satisfeito com Maat” e o próprio Akhenaton “aquele que vive de Maat” (Epsztein, 1990, p.46).

No Novo Império a literatura sobre o julgamento dos mortos alcança sua forma canônica, tal como apresentada o *Livro do Mortos* ou *Livro do surgimento do dia* (1150 a.C.), cuja descrição do processo judicial *post-mortem* revela a condução do falecido na barca de Rá, depois de cruzar 21 pilares, passar por 15 entradas e atravessar 7 salas, chegando enfim ao Santuário de Maat e ao tribunal Osíris, o qual faz o papel de juiz do submundo, juntamente com outros 42 juízes e a presença do deus Toth.

Na entrada do Santuário de Maat deve ser pronunciada a seguinte fórmula:

Oh! Maat, eis que chego diante de ti. Deixa-me, pois contemplar tua radiante formosura! Olha! Meu braço se levanta em adoração a teu Nome sacrossanto. Oh! Verdade-Justiça, escuta! Chego aos lugares em que as árvores não vingam, em que o solo não faz surgir plantas. Eis que penetro até os lugares dos Mistérios e que falo a Seth, o dono destes lugares...Meu guia protetor se aproxima de mim; seu rosto está coberto com um espesso véu...Tendo se prosternado diante dos lugares dos Mistérios, penetra no santuário de Osíris e contempla os mistérios que neles se desenrolam (Anônimo, p.135).

Então é realizada a pesagem do coração (*psicastasia*) numa balança, cujo contrapeso é a pena de Maat, diante do juiz Osíris e com a conferência de Toth e Anubis. Em seguida, o falecido faz a “*Declaração de Inocência*” (registrada no Papiro de Ani) recitando as confissões negativas.

[...] Não cometi a iniquidade contra os homens. Não maltratei as gentes [...] Não fiz o mal. [...] Não blasfemei contra deus. Não privei um pobre dos seus bens. Não fiz aquilo que é abominável aos deuses. Não maltratei um escravo perto do seu senhor. Não fiz sofrer. Não fiz sofrer fome. Não matei. Não mandei matar. Não fiz sofrer ninguém. [...] Não fui pederasta. Não forniquei nos lugares santos da minha cidade. Não amolguei o

<sup>12</sup> O próprio Moisés (por volta de 1440 a.C.), profeta por excelência do povo hebreu, provavelmente nasceu e foi criado no Egito, e, segundo registra a tradição bíblica teria conhecido suas ciências e saberes. No livro dos *Atos dos Apóstolos* (cap. 7, 20-21) do NT afirma-se de forma enfática: “Nesse momento nasceu Moisés, que era belo aos olhos de Deus, por três meses foi nutrido na casa paterna; e depois tendo sido exposto, recolheu-o a filha de Faraó e o criou como seu próprio filho. Assim foi *Moisés iniciado em toda a sabedoria dos egípcios, e tornou-se poderoso em suas palavras e obras*”. No período próximo a Segunda Guerra, em meio às perseguições aos judeus na Alemanha, Sigmund Freud propõe uma tese controversa que defende que Moisés tenha sido um egípcio e seguidor das ideias de Akhenaton, como discute em seu livro *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1939).

<sup>13</sup> O henoteísmo é uma doutrina que concebe um panteão divino onde há um deus soberano. Difere do monoteísmo que só admite a existência de um único deus.

<sup>14</sup> Vale a pena ler as palavras reveladoras de Freud em sua interpretação de Moisés como egípcio e a possível influência de Akhenaton em sua visão religiosa que alcança até os profetas: “Então, do meio do povo, numa série que não acaba mais, se levantaram homens que não estavam ligados a Moisés por sua origem, mas que foram arrebatados pela grande e poderosa tradição, que pouco a pouco crescera na obscuridade, e foram esses homens, os profetas, que pregaram incansavelmente a antiga doutrina mosaica de que a divindade desdenha sacrifício e cerimonial, *exigindo apenas fé e uma vida na verdade e na justiça* (“Maat”)” (Freud, 2014, p.85).

alqueire. Não encurtei a medida de cumprimento. Não fui desonesto no respeitante aos terrenos. Não aumentei o peso da balança. Não falsifiquei os pesos da balança. Não tirei o leite da boca das crianças. Não privei o gado das suas pastagens. [...] Eu sou puro, eu sou puro, eu sou puro! [...] (Lopes, 1989, pp. 206-213)

Na concepção antropológica do *Livro dos Mortos*, o ser humano é composto de três aspectos psíquicos: o *ba*, que representaria uma essência divina, o *ka*, uma espécie de alma e o *akh*, a alma do falecido. Neste composto o coração é o órgão central humano, em seu duplo aspecto de representação da vida instintiva e subconsciente (*hati*) e de sua razão e aspirações (*ib*), símbolo da ordem e da justiça. Depois da morte era '*ib*' que julgava a vida terrestre do morto. Uma vez declarado justo, o falecido acede ao Duat (centro do mundo e morada dos deuses).

A respeito desta reflexão sobre o coração no *Livro dos Mortos*, podemos fazer uma vinculação com o pensamento de Amenemope, filósofo da 20ª Dinastia (1300 a.C.), cujas "*Instruções de Amenemope*", escritas para seu filho, tem como base a ideia de uma "Cardiografia" filosófica, como nos explica o professor Renato Noguera (2015) em seu artigo *Amenemope, o coração e a filosofia, ou a cardiografia (do pensamento)*. Nele, o filósofo carioca desenvolve sua compreensão do que seria essa cardiografia ou uma filosofia baseada na centralidade do coração, órgão essencial da pessoa na cultura egípcia (Noguera, 2015).

A importância de Amenemope vai além de sua circunscrição à cultura egípcia, pois se considerarmos a possível presença dos hebreus no Egito no período entre os faraós Seti I (1290-1279 a.C.), filho de Ramsés I, e Ramsés II (1279-1213 a.C.), podemos perceber ecos e semelhanças de sua sabedoria com aquela presente nos escritos sapienciais do Antigo Testamento que se estenderão até o período salomônico (Salmos e Provérbios)<sup>15</sup>. A respeito desses paralelos com a Bíblia, podemos citar um dos versículos do livro de *Provérbios* que trata justamente dessa relação com o coração: "*Aplica o teu coração à disciplina e teus ouvidos às palavras do conhecimento.*" (Bíblia [...], 1985, Provérbios 23,12), e seu equivalente em Amenemope: "Dê os teus ouvidos, ouça as palavras que são ditas, dá o teu coração para interpretá-los." (Amenemope, cap. 1).

Ainda no Novo Império haverá uma crise de sentido, da ordem e das crenças estabelecidas, através da emergência de uma nova forma de piedade mais pessoal ou uma nova ética, como nos esclarece Mota (2010).

A nova ética, resultado da crise de valores que agita a sociedade do Império Novo, rejeita a crença nesta ordem estabelecida, reconhece a sua perversão intrínseca e põe em causa as suas capacidades de auto-regulação, e, deste modo, começando por se limitar a uma crítica formulada de forma discreta e dissimulada nas obras morais e textos normativos, desenvolve-se enquanto doutrina constituída através do fenómeno da Piedade Pessoal, quando se passa a valorizar uma relação pessoal com uma divindade de eleição cuja eficácia é solicitada para atenuar os problemas quotidianos (Mota, 2010, pp.15-16).

Por fim, após esse itinerário sobre a importância de Maat na história e na cultura do povo de Kemet, passaremos do entendimento histórico-cultural do conceito de Maat para compreender sua importância na formação de um pensamento filosófico no Antigo Egito, sua influência sobre o pensamento grego (e seus principais filósofos) e sua reverberação nas filosofias do continente africano.

<sup>15</sup> Podemos apresentar o seguinte paralelo entre o texto de Provérbios e o de Amenemope: "*Inclina o teu ouvido, ouve as palavras dos sábios, e aplica teu coração ao meu conhecimento; pois terás prazer se guardá-las dentro de ti, e estarão todas firmes em teus lábios.*" (Bíblia [...] Provérbios 22,17-18) e "Dá o teu ouvido e ouve o que eu digo, e aplica o teu coração para apreender. É bom para ti para colocá-los no teu coração, deixe-os descansar no cofre do teu ventre, para que possam atuar como um pino sobre a tua língua (Amenemope, cap. 1).

## Maat e as origens da filosofia kemética

A Filosofia, tradicionalmente considerada um saber desenvolvido pelos gregos, uma vez que o termo “*philosophia*” (amor à sabedoria) é um étimo de origem grega criado pelo matemático Pitágoras de Samos (séc. VI a.C.), pode ser considerada originalmente um saber de origem kemética (egípcia), pois vale lembrar que este mesmo matemático grego viajou ao Egito no tempo do faraó Amósis II (570-526 a.C), a fim de ser instruído pela ciência dos sacerdotes egípcios em Tebas, como atestam diversas fontes e testemunhos (Gorman, 1989, p.53).

Segundo Diógenes Laértios em sua obra *Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres*:

Mais tarde Pitágoras foi para o Egito, levando uma carta de Polícrates que o recomendava a Âmasis; aprendeu a língua egípcia, como diz Antífon na obra *Dos homens que se distinguiram em excelência* [...] mas ainda no Egito entrara nos santuários e aprendera os ensinamentos secretos da teologia egípcia (Laertios, 1988, p.229).

A viagem e a estadia de estudos de Pitágoras no Egito são confirmadas por diversos autores da Antiguidade, tais como Heródoto, Isócrates, Plutarco e Jâmblico. Segundo afirma Plutarco: “E dão testemunho disso também os mais sábios dos helenos, Sólon, Tales, Platão, Eudoxo, Pitágoras, como alguns dizem, também Licurgo, que foram ao Egito e andaram em companhia dos sacerdotes” (Plutarco, 2022, p.65)

Também o filósofo Tales de Mileto (séc. VI a.C.) esteve no Egito, como afirma ainda Diógenes Laertios, que assevera: “Ninguém lhe deu lições, com a única exceção de sua viagem ao Egito onde passou algum tempo com os sacerdotes” (Laertios, 1988, p.19). Não podemos esquecer que o próprio Platão visitou o Egito depois de 399 a.C. (após a morte de Sócrates) e esteve com os sacerdotes, essa visita foi marcante e pode ser confirmada pelas diversas referências que o filósofo da Academia faz sobre o deus Toth e a sabedoria egípcia em diálogos como *Fedro*<sup>16</sup>, *Timeu*<sup>17</sup> e *Leis*<sup>18</sup>.

Esse tempo que os filósofos gregos permaneceram com os sacerdotes egípcios não significa apenas uma busca espiritual ou religiosa, mas principalmente uma forma de adquirir o conhecimento milenar que havia nas chamadas ‘Casas da Vida’ (*Per Ankh*) e nas ‘Casas dos livros’ (*Per Medjat*), onde se elaboravam e copiavam os manuscritos (Araújo, 2000, p.34) e desenvolviam profundos conhecimentos matemáticos (a geometria que fora essencial para a arquitetura das pirâmides)<sup>19</sup>, a astronomia (o conhecimento do calendário, a divisão do ano, das estações e das horas do dia)<sup>20</sup>, a medicina (conhecimentos de cirurgia necessária para o processo de mumificação)<sup>21</sup> e a filosofia (o saber reflexivo e discursivo fundamental sobre a ordem das coisas).

<sup>16</sup> Platão cita o mito de Toth no diálogo *Fedro*: “Sócrates: - Bem, ouvi dizer que na região de Náucratis, no Egito, houve um dos velhos deuses daquele país, um deus a que também é consagrada a ave chamada íbis. Quanto ao deus, porém, chamava-se Thoth. Foi ele que inventou os números (*arithmos*) e o cálculo, a geometria e a astronomia, o jogo de damas e os dados, e também a escrita (*gramata*). Naquele tempo governava todo o Egito, Tamuz, que residia ao sul do país, na grande cidade que os egípcios chamam Tebas do Egito, e a esse deus davam o nome de Amon. Thoth foi ter com ele e mostrou-lhe as suas artes, dizendo que elas deviam ser ensinadas aos egípcios” (Platão, *Fedro*, 274b-277a).

<sup>17</sup> O mito de Atlântida e sua civilização foi transmitido pelos egípcios ao estadista Sólon, cf. Platão, *Timeu*, §21e.

<sup>18</sup> Elogio da arte egípcia em Platão, *Leis* II, 653d — 654c.

<sup>19</sup> As principais fontes da matemática no Egito são os papiros Rind e de Moscou, onde há vários tipos de cálculos, equações e resoluções de problemas matemáticos, sobre a matemática africana e egípcia em especial, ver Todão, Jefferson. *A origem africana da matemática*. SP, Editora Ananse, 2024.

<sup>20</sup> Sobre a astronomia egípcia, conferir o artigo: da Rocha-Poppe, P. C., Fernandes Martin, V. A., Falcão Brito, G. M., Alencar, A. P., Silva, M. P., da Silva Carrilho, J. J., Araújo Silva, A. J., & Amoedo Athaide, S. (2023). *Aspectos da Ciência Astronômica na Antiga Civilização Egípcia*. *Sitientibus Série Ciências Físicas*, 18, 2023, pp.15–35.

<sup>21</sup> Heródoto faz descrições interessantes sobre esse processo, segundo ele: “E a arte médica é dividida por eles de acordo com estes preceitos: cada médico é especializado em uma única doença. E todo seu território é cheio de médicos; pois uns médicos são

Segundo o mesmo Diógenes Laertios, em sua apresentação das chamadas “Filosofias Bárbaras”, o pensamento filosófico egípcio abordava aspectos cosmológicos, físicos, metafísicos e éticos da realidade, que em nada deixam a desejar à concepção moderna de ciência:

Para eles o universo foi criado, é perecível e esférico, as estrelas compõem-se de fogo e os eventos na terra ocorrem em conformidade com a mistura de fogo nelas; os egípcios dizem que a lua entra em eclipse quando fica na sombra da terra, que a alma sobrevive a morte e transmigra para outros corpos, e que a chuva decorre de alterações na atmosfera; segundo Hecateios e Aristágoras os egípcios dão explicações naturais para todos os outros fenômenos. Eles também instituíram leis tendo em vista a justiça, atribuindo-as a Hermes, e divinizaram os animais úteis aos homens, além de pretenderem ser os criadores da geometria, da astronomia e da aritmética. São esses os dados referentes à *invenção da filosofia* (Laertios, 1988, p.15, grifo nosso).

Ressaltamos que há entre os egípcios uma definição específica sobre o tipo de saber reflexivo, baseado na linguagem e no debate, o qual busca as origens e fundamentos da realidade. Este saber denomina-se “Rekhet” (*rkht*), o qual seria um verbo em língua egípcia que significa *estar ciente de, conhecer, saber, aprender*, referente ao que denominamos usualmente ‘filosofia’, mas que transcende essa mesma compreensão (Ribeiro, 2020).

Como define Valter Duarte em seu artigo *Auto-conhecimento em Kemet: origem das Universidades*:

Etimologicamente, o signo linguístico é constituído por dois termos: (1) o verbo (*rekh*), cujas traduções abrangem os sentidos de “conhecer”, “estar consciente de” e “aprender”; e (2) o substantivo (*khet*), que podemos traduzir por “coisas”. Essas duas palavras unidas—compostas pelo signo determinativo de um papiro enrolado e selado, indicando tratar-se de noções abstratas — engendram a fórmula linguística (*rekhkhet*), ou simplesmente (*rekhet*), a qual abrange os significados de (1) “conhecer as coisas”, (2) “estar consciente das coisas” e (3) “aprender as coisas”. *Rekhet*, portanto, em seu aspecto verbal, remete-se a uma atitude, um esforço simultâneo de pesquisa, aprendizagem, tomada de consciência e ensino (Duarte, 2019, p.248).

No centro desta filosofia *rekhética* encontra-se o conceito fundamental de *Maat*<sup>22</sup>, que pode ser entendido não apenas como princípio cosmológico (como o *Logos* grego), ou mesmo epistemológico, enquanto também está ligada a ideia de verdade, mas principalmente como ordem social e justiça, lembrando que o simbolismo da balança é referido a este conceito e denota harmonia, regularidade e equilíbrio, perfazendo assim uma compreensão ética da mesma (Epszetein, 1990, p.29).

Essa filosofia maítica tem como núcleo o simbolismo do coração (*ib*), que, como sabemos, é o centro da pessoa humana na cultura egípcia e responsável pelo seu destino. De tal modo que, a filosofia dita *rekhética* de Kemet é uma “cardiosofia”, uma sabedoria cordial (*cordis*, coração), que une razão e emoção, entendendo o ser humano como um todo em sua comunidade. É interessante observar que na etimologia da palavra ‘pensar’, em latim *pensare*, está presente a ideia de ‘pesar’ ou suspender nas conchas da balança, como quem sopesa os prós e contras das situações, assim percebe-se uma possível relação ao simbolismo maítico de pesar o coração na balança de *Maat*.

Como enfatiza Katiúscia Ribeiro:

---

destinados às doenças dos olhos, outros às da cabeça, outros às dos dentes, outros às do ventre, outros às doenças desconhecidas” (Heródoto, 2016, p.70).

<sup>22</sup> Anteriormente definido como ordem, verdade e justiça.

Desse modo, a pessoa rekhética é aquela que faz filosofia com o coração. O que é amor à sabedoria senão o ato de instruir o seu coração? Ou senti-lo? Escutá-lo? O coração é movimento, o coração pulsa, ele bombeia o sangue, ele faz o corpo se movimentar. O coração na cultura kemética é identificado como *ib* e é representado por um recipiente. O coração tem importância, não somente biológica, mas filosófica, pois o coração é o primeiro órgão a ser formado no corpo humano, ele é formado através da gota de sangue ancestral que é sempre passada adiante (Ribeiro, 2020, p.52).

A importância do coração na cultura egípcia é expressa inclusive no processo de mumificação dos cadáveres, cujo cérebro era retirado pelas narinas, juntamente com os órgãos internos do peito e do abdômen (estômago, fígado, pulmões) que eram colocados separadamente em vasos chamados canópticos, apenas o coração era deixado no corpo mumificado, uma vez que era o órgão do ser e da inteligência, o qual seria necessário no julgamento pós vida.

Segundo Theophile Obenga, na obra *Egypt: Ancient History of African Philosophy*:

Na língua egípcia, “sabedoria” e “prudência” são expressas pela mesma palavra: *sat* (o hieroglífico determinante é muito característico; é de um homem com mão para a boca). De fato, ser sábio (*sai*) é ser prudente (*sai*); é para ser quase “silencioso”, isto é, sagaz em lidar com assuntos e exercitar o bom senso. Sabedoria e prudência implicam o conhecimento (*rekhet*) e a consciência dos princípios da conduta moral e do comportamento sociável. O homem sábio (*rekht* ou *sai*) agarra em sua mente com clareza e certeza o que é conhecido distintamente para ele (Obenga, 2004, p. 05).

O filósofo no Antigo Egito é o homem que une saber e sentimento numa totalidade única tendo sempre como referência última aquele princípio que encarna a ordem cósmica e social, perfazendo a harmonia, a verdade e a justiça, em uma palavra *Maat*.

Neste sentido, como enfatiza Cunha Júnior (2020), tal conceito está na base da filosofia egípcia, em especial, e nas filosofias africanas em geral:

A *Maat* contém um princípio importante em toda a filosofia egípcia e africana, o conceito de equilíbrio e harmonia. Conceito de origem cosmológica retirado do equilíbrio e da harmonia do universo e aplicado às diversas instâncias da vida humana enquanto ser social. Abriga os diversos fins do conhecimento africano, tais como a ética social e o conjunto de leis sociais para a filosofia do bem viver na sociedade em relação ao conjunto social e ao conjunto da natureza. *Maat* é um complexo de conceitos importantes e fundamentais para compreensão da sociedade egípcia na antiguidade e do pensamento das sociedades africanas na atualidade, visto que todo conhecimento africano denominado de tradicional possui relação ancestral com o conceito de *Maat* (p.123).

Assim, a filosofia egípcia (ou kemética) tem em seus fundamentos a compreensão da realidade a partir de uma ordem cósmica, tal como acima asseveramos ser o conceito de *Maat*, e tal expressão estará presente nos escritos dos filósofos egípcios. Como fica evidente pelo desenvolvido até aqui, o conceito *Maat* está presente nas diversas manifestações da vida egípcia, tais como, o mito (a deusa *Maat*), o cosmos (a ordem subjacente ao mundo), a ordem social (a estabilidade do governo e a tarefa do faraó), a ética (as relações entre os indivíduos) e inclusive a estética (Cunha Junior, 2020, p.122).

Por essa razão, reafirmamos que *Maat* está na base do pensamento filosófico egípcio, mas também exerce sua influência nas filosofias do continente africano em geral, seu alcance é atestado pelos principais pesquisadores da filosofia africana atual.

## Considerações finais

Nesta pesquisa, enfatizamos o entendimento de Maat como um conceito filosófico que está na base de toda a cultura e pensamento egípcio, bem como das culturas africanas em geral. Apresentamos o conceito de Maat a partir de sua evolução histórica nos diversos períodos da história egípcia, concluindo assim como este conceito se tornou fundante e originário da filosofia egípcia (kemética).

A presença de Maat na cultura africana em geral é atestada por pesquisadores renomados. Segundo Theophile Obenga (2004), o conceito de Maat está presente em grande parte das culturas africanas, podemos encontrar os seguintes equivalentes fonéticos e semânticos nas diversas culturas do continente: a) Copta (Egito): me, mee, mie, mei, meei, “verdade”, “justiça”, e também “honesto”, “justo”, b) Caffino (Cushitic, Etiópia): moyo, “motivo”, “razão” (verdade e razão são inseparáveis), c) Kongo (Congo): moyo, “vida”, “alma”, “mente” (mesmo campo semântico), d) Ngbaka (República da África Central): ma, remédio mágico (‘a fim de conhecer a verdade’), e) Mpongwe (Gabão): mya, “saber”, a verdade (‘mya re isome’, o auto-conhecimento, que o oráculo de Delphos ordenou: ‘*gnothi seauton*’), f) Yoruba (Nigéria): mo, “saber”, a verdade (conhecimento), g) Hausa (Nigéria): ma, “na verdade”, “de fato” (afirmação: ni ma na ji, “de fato eu ouvi isto”), h) Mada (Camarões do Norte): mat, “gênio”, “duende” (especialização semântica), i) Nuer (Nilótico, Sudão): mat, “total”, “soma”, “forças” (ro mat, “unir forças com”).

Assim, Maat é, no Antigo Egito, o total de todas as virtudes, todas as forças como ideais para guiar o homem em sua vida pessoal e espiritual. Maat é, como vimos, considerada por pesquisadores renomados como Maulama Karenga, Cheyk Anta Diop, Theophile Obenga, Molefi Keti Asanti, Renato Noguera, Katiúscia Ribeiro, como referência inclusive para outras culturas africanas. Por fim, vale ressaltar a importância do pensamento egípcio para cultura grega e para a formação dos primeiros filósofos da Grécia (como vimos, atestada por autores antigos e modernos) e de suas doutrinas, os quais foram até lá descobrir e aprender os conhecimentos imemoriais.

## Referências

- ANÔNIMO. *O Livro do Mortos do Antigo Egito*. Tradução Edith de Carvalho Negraes, SP, Hemus, s/d.
- ANTA DIOP, C. *A unidade cultural da África negra. Esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica*. Tradução Silvia Cunha Neto, Edições Mulemba / Pedagogo, 2014.
- ARAÚJO, E. *Escrito para a eternidade. A literatura no Egito faraônico*. Brasília, EdUnB, 2000.
- ASANTI, M.K. *Os filósofos egípcios. Vozes ancestrais africanas, de Imhotep a Akhenaten*. Tradução Akili Oji Bacari, SP, Ananse, 2020.
- BÍBLIA SAGRADA. Bíblia de Jerusalém (Nova edição revista). SP, Paulinas, 1985.
- BRUNHARA, R.; MENEGUZZI, A. C. “*Vais te maravilhar ao ouvires!*” — *Conservação, mousike e o elogio de Platão à arte egípcia em Leis II, 653c — 654<sup>a</sup>*. In: Revista Archai 32, e-03207, Brasília, 2022.
- CÂMARA, Giselle Marques. *Maat: o princípio ordenador do cosmo egípcio: uma reflexão sobre os princípios encerrados pela deusa no Reino Antigo (2686-2181 a.C.) e no Reino Médio (2055-1650 a.C.)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, RJ, 2011.143 f.
- CANHÃO, Telo Ferreira. *Textos da literatura egípcia do Império Médio. Textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas*. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2014.
- CARDOSO, Ciro F. *O Antigo Egito*. SP, Brasiliense, 1982.
- CUNHA JUNIOR, Henrique A. (2020). *Se eu fosse ensinar filosofias africanas, eu as ensinaria como a hermenêutica do bem viver*. In: Revista Espaço Acadêmico, vol. 20, n.225, 2020, 120-132.
- DA ROCHA-POPPE, P. C., Fernandes Martin, V. A., Falcão Brito, G. M., Alencar, A. P., Silva, M. P., da Silva Carrilho, J. J., Araújo Silva, A. J., & Amoedo Athaide, S. (2023). *Aspectos da Ciência Astronômica na Antiga Civilização Egípcia*. In: *Sitientibus Série Ciências Físicas*, 18, 2023, pp.15–35.
- DUARTE, V. *Auto-conhecimento em Kemet: origem das Universidades*. In: *Problemata: R. Intern. Fil.* V. 10. n. 2 (2019), p. 243-257.
- ELIADE, M. e COULIANO, I.P. *Dicionário das Religiões*. Tradução Ivone Castilho Benedetti, SP, Martins Fontes, 2003.
- EPSZTEIN, L. *A justiça social no Antigo Oriente Médio e o Povo da Bíblia*. SP, Paulinas, 1990.
- FREUD, S. *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Tradução Renato Zwick. Porto Alegre, L&PM, 2014.
- GORMAN, P. *Pitágoras: uma vida*. Tradução Rubens Rusche, SP, Círculo do livro, 1989.
- HERÓDOTO. *Histórias. Livro II – Euterpe*. Tradução Maria Aparecida de Oliveira Silva, SP, Edipro, 2016.
- HERÓDOTO. *História*. Tradução José Brito Broca. SP, Ediouro, sd.
- JOSEFO, F. *História dos hebreus (obra completa)*. Tradução Vicente Pedroso, RJ, CPAD, 1990.
- KARENGA, M. *Maat, The Moral Ideal in Ancient Egypt*. Routledge, 2004.
- LAERTIOS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução Mario da Gama Kury, Brasília, Ed.UnB, 1988.
- LEAL, Pedro G. *O espelho dos hieróglifos: da ruína das letras egípcias à sua reinvenção quimérica entre os sécs. XV e XVII*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, 2008.
- LOPES, Maria H. T. *O Egito faraônico. Guia de estudo*. Lisboa. Associação Portuguesa de Egiptologia.
- LOPES, Maria H.T. *O homem egípcio e sua integração no cosmos*. Lisboa, Teorema, 1989.
- LOPES, N / SIMAS, L.A. *Filosofias Africanas, uma introdução*. RJ, Civilização Brasileira, 2020.

- MOTA, Susana I. *Maat: a expressão de todo mundo egípcio numa só palavra*. In: Revista História e-história, ISSN 1807-1783, abril/2010.
- NOGUERA, R. *O ensino de Filosofia e a lei 10.639*. Rio de Janeiro, Pallas, 2014.
- NOGUERA, R. *A ética da serenidade. O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope*. In: Ensaios filosóficos. Vol.VIII, RJ, dez/2013.
- NOGUERA, R. *Amenemope, o coração e a filosofia*. In: BRANCAGLION Jr., Antonio. *Semna – Estudos de Egiptologia II / Antonio Brancaglioni Jr., Rennan de Souza Lemos, Raizza Teixeira dos Santos (orgs.)*. – Rio de Janeiro: Seshat – Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional, 2015.
- OBENGA, Théophile. *Egypt: Ancient History of African Philosophy*. In: KWASI, Wiredu (ed.). *A Companion to African Philosophy*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2004, p. 31-49. Tradução para uso didático para o projeto de pesquisas *Dissecando o racismo epistêmico: a urgência de outra perspectiva no ensino de filosofia*, por Vinícius da Silva.
- PLATÃO. *Fedro*. Tradução Pedro Nasseti, SP, Martin Claret, 2001.
- PLATÃO. *Timeu - Crítias*. Tradução Rodolfo Lopes, Coimbra, CECH, 2011.
- PLATÃO. *As Leis*. Tradução Edson Bini, SP, Edipro, 2010.
- PLOTINO. *Acerca da Beleza inteligível (Enéada V, 8 [31])*. Tradução Luciana Gabriela E.C. Soares, In: *KRITERION*, Belo Horizonte, n° 107, Jun/2003, p.110-135.
- PLUTARCO. *De Ísis e Osíris*. Tradução Maria Aparecida de Oliveira Silva. Edição bilíngue, SP, Edição da tradutora, 2022.
- RIBEIRO, K. *Rekhet: Um exercício que transcende o ato de filosofar*. In: *Ítica* n.º 36 – Especial Filosofia Africana, jun/2020.
- SANTOS, Poliane Vasconi dos. *Religião e sociedade no Egito antigo: uma leitura do mito de Ísis e Osíris na obra de Plutarco (I d.C.)*. Dissertação de Mestrado, UNESP-Assis, 2003, 150 f.
- TODÃO, Jefferson. *A origem africana da matemática*. SP, Editora Ananse, 2024.
- TRISMEGISTOS, Hermes. *Corpus Hermeticum e Discurso de iniciação*. Tradução Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima, SP, Hemus, sd.
- TRISMEGISTOS, Hermes. *Corpus hermeticum graecum = Corpus hermeticum graecum*. Prefácio, introdução, tradução e glossário grego-português de David Pessoa de Lira. – 1. ed. – São Paulo: Editora Cultrix, 2023.
- VVAA. *A criação e o dilúvio segundo os textos do Oriente Médio Antigo*. SP, Paulinas, 1990.

---

**Autor(a) para correspondência / Corresponding author:** Francisco José da Silva. franz.silva@ufca.edu.br